

## **AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM E SUAS NUANCES: EMPIRISMO E RACIONALISMO**

*Aline Ferreira Oliveira Araujo* (UEMS)

[alineferreirams@gmail.com](mailto:alineferreirams@gmail.com)

*Elza Sabino da Silva Bueno* (UEMS)

[elza20@hotmail.com](mailto:elza20@hotmail.com)

### **RESUMO**

O presente trabalho tem por objetivo explorar as teorias linguísticas de aquisição da linguagem, com vistas a fazer uma abordagem comparativa das teorias empiristas e racionalistas. Assim, no que tange ao Empirismo, propõe-se a discussão acerca das seguintes correntes teóricas: hipótese comportamentalista de Burrhus Frederic Skinner (1950), aquisição de linguagem baseada no uso, proposta por: Ronald Wayne Langacker (1987), Michael Tomasello (1999), Michael Barlow e Suzanne Kemmer (1999) e hipótese conexionista de Chiele (2004). Na vertente racionalista, busca-se a ênfase no trabalho do pesquisador Avran Noam Chomsky (1950) e na teoria do inatismo. Dentro desta perspectiva, explora-se o gerativismo, a gramática universal e a teoria dos princípios e parâmetros. Pretende-se, ainda, o estímulo à reflexão dos leitores sobre a questão da aquisição de linguagem, por meio da comparação entre as teorias de aquisição, de modo a identificar aspectos divergentes entre o empirismo e o racionalismo. Este estudo é de cunho bibliográfico, qualitativo e descritivo, tendo como procedimento o levantamento de dados por meio de técnicas de fichamento, resumo e resenha de literatura teórica acerca da temática. Para fundamentar a discussão da pesquisa, foram utilizadas obras de autores que abordam o tema da aquisição. Os estudos apontam que as teorias existentes não dão conta de atender às demandas e à complexidade que o saber linguístico apresenta. Salienta-se que muitas habilidades espontâneas e automáticas, recorrentes durante a aquisição da linguagem, não são explicadas pela ciência, o que justifica pesquisas de cunho científico para trazer tais teorias à luz do conhecimento.

**Palavras-chave:** Aquisição da linguagem. Empirismo. Racionalismo.

### **1. Introdução**

No reino animal, algumas espécies, como abelhas, formigas, pássaros, dentre outros, apresentam um sistema para comunicar-se com os seres pertencentes ao mesmo grupo (LOPES, 1995). Nenhuma espécie, entretanto, apresenta capacidade tão refinada quanto a faculdade da linguagem humana. Com poucos meses de idade, a criança já começa a se inserir no processo de comunicação e, com muita rapidez e destreza, desenvolve as habilidades linguísticas em um curto espaço de tempo.

A natureza do desenvolvimento linguístico da criança tem sido motivo de interesse de estudiosos da linguagem e da cognição humana há bastante tempo. No século XX, destacam-se os trabalhos de Ferdinand de Saussure (1916), Burrhus Frederic Skinner (1957) e Avran Noam Chomsky (1957). Na tentativa de esclarecer como a aquisição de linguagem se dá, algumas hipóteses foram lançadas, são as chamadas teorias de aquisição da linguagem.

Essas teorias de aquisição da linguagem constituem o objeto de estudo do presente trabalho, que busca uma abordagem comparativa das teorias empiristas e racionalistas, com ênfase nos estudos do pesquisador Avran Noam Chomsky e na teoria do inatismo.

Na primeira seção, são apresentadas teorias empiristas, as quais propõem que o conhecimento é derivado da experiência do indivíduo e é por meio dela que o saber linguístico é formado. As hipóteses exploradas nesse segmento são: comportamentalista (behaviorista), aquisição da linguagem baseada no uso e hipótese conexionista.

Na segunda parte do estudo, é proposta a discussão a respeito do racionalismo, teoria que atribui ao ser humano capacidades inatas no desenvolvimento do saber linguístico. Destaca-se o modelo gerativista e, sobretudo, os estudos de Avran Noam Chomsky, principal responsável pela teoria da gramática universal – conceito também explorado na seção. Por fim, é explorada a hipótese dos princípios e parâmetros, teoria que apresenta, assim como as demais, base gerativa da linguagem.

O objetivo geral deste estudo é fomentar reflexões dos leitores para a questão de como a linguagem é adquirida. Como objetivo específico, busca-se comparar as teorias de aquisição da linguagem, de modo a identificar aspectos divergentes entre o empirismo e o racionalismo. Este estudo é de cunho bibliográfico, qualitativo e descritivo, tendo como procedimento o levantamento de dados por meio de técnicas de fichamento, resumo e resenha de literatura teórica. Para fundamentar a discussão da pesquisa, foram utilizadas obras de autores que abordam a aquisição da linguagem.

## **2. Teorias empiristas**

Para o vocábulo *empírico*, o *Dicionário UNESP do Português Brasileiro* (2011) apresenta, dentre outras, a seguinte definição: “Adj 1. que se baseia na experiência”. Nessa perspectiva, as correntes empiristas

consideram que todo o conhecimento tem início na experiência. Por esse motivo, algumas teorias associam a mente humana a uma tábula rasa, que é preenchida ao longo do tempo com dados da experiência sensível. Nessa perspectiva, fatores externos apresentam maior influência no processo de aquisição de conhecimento (neste caso, especificamente, de linguagem) do que fatores internos. Nesse contexto, considera-se inata a capacidade de formar associações entre estímulos.

Nesta seção, são apresentadas teorias empiristas para a aquisição da linguagem: hipótese comportamentalista, hipótese da aquisição baseada no uso e hipótese conexionista.

### **2.1. Hipótese comportamentalista (behaviorista)**

No final da década de 1950, Burrhus Frederic Skinner consolidou a teoria comportamentalista, também chamada de teoria behaviorista, por meio da publicação do livro *Verbal Behavior*. A referida hipótese considera que a criança aprenderia uma língua de acordo com os estímulos que recebesse (estímulo positivo ao produzir enunciados corretos e negativo ao elaborar enunciados equivocados). Assim sendo, pode-se inferir que a teoria apresenta o tripé estímulo-resposta-reforço, o que significa dizer que a criança, durante o processo de aquisição linguística, é recompensada ou reforçada na sua produção pelos adultos que a rodeiam.

Considerando que a linguagem era considerada um tipo de comportamento a ser aprendido, o comportamento verbal era, portanto, “como aquele comportamento reforçado pela mediação de outras pessoas”. (SKINNER, 1978)

Essa teoria, entretanto, não abarca toda a complexidade que envolve a aquisição de linguagem. Não leva em consideração, por exemplo, a situacionalidade que permeia a produção do enunciado. O adulto tende a corrigir a criança de acordo com o sentido produzido e sua adequação ao contexto, o que significa dizer que enunciados gramaticalmente falhos, se apresentarem consistência semântica, não são corrigidos. O inverso também ocorre, frases normativamente estruturadas, mas com inadequações semânticas, são geralmente corrigidas pelo adulto.

Outro ponto que constitui a aquisição da linguagem, mas que o behaviorismo desconsidera, é a não compreensão por parte da criança ao

ser corrigida, principalmente em relação a estruturas morfossintáticas da língua. A não compreensão da correção à qual está submetida faz com que a criança não assimile, tampouco corrija, a construção linguística equivocada.

Elaine Grolla e Maria Cristina Figueiredo Silva apontam:

Adicione-se ainda a esse conjunto de observações que não só os erros gramaticais que a criança faz não são todos corrigidos (e, quando o são, as crianças não entendem a correção) como também é comum que eles sejam vistos com encanto pelos pais, que inclusive adotam aquela maneira de pronunciar uma palavra ou de falar certa frase em outras interações. Ora, se a criança estivesse na dependência da correção para chegar a formular sentenças gramaticais em sua língua materna, com esse tipo de intervenção dos adultos ela não chegaria jamais a saber que a sua formulação contém algum erro. (GROLLA; FIGUEIREDO SILVA, 2014, p. 46)

Ao tomar como base apenas as correções (falhas) dos adultos, a criança não conseguiria produzir sentenças gramaticalmente adequadas. Além disso, é comum crianças produzirem novos enunciados, com construções jamais reforçadas por adultos. Como a teoria explica essa nova construção de sentenças? Ela simplesmente não o faz de maneira satisfatória, pois apenas indica que “uma generalização de cunho analógico permitiria que a criança construísse sentenças nunca ouvidas nem ditas com base naquelas ouvidas e ditas e para as quais ela recebeu reforço positivo” (GROLLA & FIGUEIREDO SILVA, 2014, p. 47). Entretanto, a teoria não apresenta especificações quanto aos mecanismos necessários para a construção dessa analogia e generalização.

Dado o exposto, considera-se que a teoria é ineficaz para responder a todos os processos que envolvem a aquisição de linguagem durante a infância. Devido a essa deficiência, novas perspectivas surgiram, dentre elas a hipótese de que a linguagem seria adquirida pelo uso. Na próxima seção, explora-se essa abordagem.

## ***2.2. Hipótese da aquisição de linguagem baseada no uso***

Para teóricos defensores da teoria do uso como: Ronald Wayne Langacker (1987), Adele Eva Goldberg (1995), Michael Tomasello (1999), Michael Barlow e Suzanne Kemmer (2000), a essência da linguagem é sua dimensão simbólica e a estrutura linguística emerge do uso da língua. De acordo com essa teoria, o domínio de variados símbolos linguísticos e esquemas estruturais caracteriza o conhecimento

da língua. Para alcançar tal conhecimento, a criança se ampara nas habilidades de: compreensão intencional e aprendizagem cultural, realização de analogias e combinação de estruturas. Essa base teórica sugere, portanto, que as crianças imitam sentenças linguísticas que ouvem e a aprendizagem da linguagem ocorre com o uso.

À medida que a criança compreende as intenções comunicativas do adulto e a intercambialidade dos papéis exercidos dentro dos quadros de atenção conjunta, ela passa a compreender que o adulto pode também reconhecer as suas intenções comunicativas. Conseqüentemente, ela passa a utilizar os mesmos símbolos linguísticos utilizados pelos adultos para atingir suas próprias intenções comunicativas (TOMASELLO, 2003). Posto isso, a criança se torna capaz de construir representações linguísticas mais complexas, à medida que passa a internalizar os símbolos linguísticos e suas intenções comunicativas. O processamento ocorreria da seguinte forma, de acordo com Elaine Grolla e Maria Cristina Figueiredo Silva:

Mecanismos gerais de aquisição são postulados, como análises distribucionais, analogia e operações de cópia. A criança aprenderia expressões linguísticas concretas a partir da imitação do que escuta e a linguagem seria adquirida através do uso. Utilizando suas habilidades cognitivas e sociais, ela categorizaria, esquematizaria e combinaria, de forma criativa, as expressões e estruturas que aprendeu em momentos diferentes. As gramáticas infantis são, portanto, vistas como qualitativamente diferentes das gramáticas adultas. (GROLLA; FIGUEIREDO SILVA, 2014, p. 51)

Para ilustrar, é possível pensar na seguinte situação: o pai, em posse da bola de seu filho, diz para a criança “chute”. Percebendo que a criança não esboçou reação, não só repete o comando como também realiza a ação de chutar a bola. Após a ação, o pai fala novamente ao filho “chute”. Dessa vez, a criança atende ao imperativo. Nesse contexto, a criança entende que existe uma intenção na ação comunicativa do outro indivíduo e, muito provavelmente, fará uso da nova expressão linguística ouvida quando ela possuir a mesma intenção comunicativa do adulto. A aquisição da língua ocorre nessa compreensão da intenção comunicativa associada ao contexto de interação entre ela (a criança) e o adulto. No processo de aprendizagem por imitação, portanto, a criança está tentando determinar as funções comunicativas de vários itens e estruturas linguísticos com os quais ela entra em contato durante a interação discursiva com o outro.

Para Michael Tomasello:

A cognição adulta moderna do gênero humano é o produto não só de eventos genéticos que ocorreram ao longo de muitos milhões de anos no tempo evolucionário, mas também de eventos culturais que ocorreram ao longo de dezenas de milhares de anos no tempo histórico, e eventos pessoais que ocorreram ao longo de muitas dezenas de milhares de horas no tempo ontogenético. (TOMASELLO, 2003, p. 302)

Em síntese, a teoria de aquisição da linguagem baseada no uso, fundamentada numa concepção cognitivo-funcional de língua, compreende o processo de aquisição em termos funcionalistas, de modo que o desenvolvimento linguístico da criança torna-se possível apenas a partir do momento em que ela, engajada em contextos específicos, começa a entender que existe uma intenção motivando a produção linguística do adulto e que ela pode valer-se deste mesmo instrumento linguístico quando possuir uma intenção semelhante, conseguindo alcançar uma competência linguística por meio de processos imitativos e analógicos baseados em interações contínuas com adultos linguisticamente competentes. Por se tratar de um estudo relativamente recente, emergido no final do século XX, a literatura disponível não apresenta, todavia, uma análise definitiva quanto à eficácia dessa hipótese.

Na seção seguinte, aborda-se a teoria fundamentada nos estudos do cérebro humano e sua relação com a faculdade da linguagem: o conexionismo.

### **2.3. Hipótese conexionista**

O conexionismo, cuja base é a neurociência, é um paradigma cognitivo. De acordo com essa percepção, todos os processos cognitivos ocorrem no cérebro e ficam agrupados na mente, a qual não interfere nesses processos. Milhares de neurônios ficam agrupados no cérebro humano e são ligados em forma de redes interneurais. Cada neurônio é constituído de uma massa central e de dois tipos de filamentos responsáveis pela formação das redes. Os transmissores de eletricidade são chamados de axônios e os receptores de impulsos elétricos são denominados dentritos. No ponto em que ocorre o encontro de axônio com dentrito, ocorre a sinapse. A sinapse, reação química resultante desse encontro, é responsável pelo aprendizado.

Na perspectiva conexionista, o conhecimento da linguagem e do mundo, bem como o processo do conhecimento a partir de uma

variedade de habilidades, não são codificados no cérebro na forma de símbolos fixos que ocupam lugares designados, mas como elementos afinados distribuídos em diferentes neurônios conectados entre si. Ao requererem conhecimento já armazenado no cérebro, os neurônios precisam refazer o caminho de conexões nas redes. No processo, cérebro e meio interagem, tendo o meio externo a função de fornecer o *input* (chamado de unidade de entrada) e o cérebro, de processá-lo conforme sua frequência e regularidade. A esse processamento, dá-se o nome de *output* (unidade de saída).

Segundo esse paradigma, o conhecimento está armazenado em engramas, ou seja, a atividade sináptica do neurônio gera o aprendizado, quando são formadas novas conexões, e a lembrança, quando são reforçadas as conexões entre os neurônios. (CHIELE, 2004)

A teoria conexionista pode servir de base na explicação do aprendizado de formas verbais. Tome-se como exemplo o verbo *saber*. É comum, durante a fase de aquisição linguística, a criança produzir enunciados como “Eu *sabo*”. Isso porque o verbo apresenta uma irregularidade desconhecida por ela, o que faz com que seu cérebro processe a conjugação seguindo padrões de regularidade verbal já armazenados no cérebro. Ao ser submetido a um *input* diferente, a rede modifica os pesos (positivos ou negativos) de suas conexões para produzir um *output* correto, o que significa dizer que, por exemplo, *saber* terá sua conexão a *sei* reforçada positivamente e *sabo* terá sua conexão enfraquecida com pesos negativos.

Algumas habilidades humanas, como o reconhecimento de ambigüidade, por exemplo, não são explicadas por essa teoria, já que não se sabe se é uma rede neural a responsável por essa percepção. A hipótese conexionista apresenta, portanto, resultados parciais no que se refere à aquisição da linguagem, o que inviabiliza a consolidação de uma análise definitiva a respeito dessa hipótese.

### 3. *Teoria racionalista*

Derivado do latim *ratio*, que significa "razão", o termo racionalismo designa a doutrina que considera a razão como a única fonte de conhecimento verdadeiro, Evanildo Bechara (2011). O maior representante desse viés teórico é o filósofo e matemático francês René Descartes, para

quem a razão humana é inata. René Descartes contraria o ceticismo em defesa de uma verdade independente da experiência.

No que tange à aquisição da linguagem, após um longo período de soberania por parte de teorias empiristas, esse tema passou a ser rediscutido sob uma nova perspectiva: a racionalista. O racionalismo postula a existência de capacidades e conhecimentos inatos que orientam o indivíduo no processo de aquisição da linguagem. Dessa forma, a construção do conhecimento linguístico se daria de dentro para fora, o que contraria, portanto, a visão empirista, que atribuía responsabilidade maior a aspectos externos e a experiências do sujeito. Na tentativa de explicar como a mente humana atua nesse processo, inúmeras pesquisas foram realizadas e tomaram impulso, originando, assim, a teoria conhecida por inatismo.

Adiante, discute-se a aquisição de linguagem sob a ótica racionalista, com ênfase nos estudos de Avran Noam Chomsky, no modelo gerativista, na teoria da gramática universal e na teoria dos princípios e parâmetros.

### **3.1. Modelo gerativista**

Para o gerativismo, a linguagem é uma capacidade inata – a capacidade do ser humano falar e entender uma língua se dá por um dispositivo inato, uma capacidade biológica, como ressalta Eduardo Paiva:

Segundo esta perspectiva, as propriedades centrais da linguagem são determinadas por princípios e estruturas mentais de conteúdo especificamente linguístico, as quais funcionam como uma espécie de “planta” arquitetônica no processo de aquisição, dirigindo o desenvolvimento linguístico num sentido predeterminado. Estas estruturas pertencem exclusivamente à espécie humana e são geneticamente determinadas, ou seja, radicam na organização biológica da espécie. Segundo esta concepção, adquirir uma língua é mais uma questão de *maturação* e de *desenvolvimento* de um “órgão” mental biológico do que uma questão de aprendizagem. (RAPOSO, 1992, p. 35)

Tendo como marco a década de 1950, o maior representante dessa teoria é o linguista Avran Noam Chomsky, que refuta as ideias behavioristas ao apresentar os princípios de competência e desempenho linguístico. A competência é o saber que está armazenado em um módulo da nossa mente. Já o desempenho corresponde à seleção feita pelo falante, o emprego de forma concreta que o ser humano é capaz de fazer da língua. O gerativismo postula que a partir de regras finitas, o falante é capaz de

gerar infinitos enunciados. Essa teoria sistematiza dessa forma a produção de enunciados.

De acordo com Steven Pinker (2002, p. 14), Avran Noam Chomsky foi “o primeiro linguista a revelar a complexidade do sistema e talvez o maior responsável pela moderna revolução na ciência cognitiva e na ciência da linguagem”.

Conforme os estudos de Avran Noam Chomsky, uma língua natural apresenta dois tipos de estrutura: a profunda e a superficial. A estrutura profunda abriga as construções fixas, regulares e constantes, representando a forma como falamos; a estrutura superficial, ou de superfície, é a realização da estrutura profunda, a expressão do conteúdo. As análises dessas estruturas indicam as transformações produzidas ao se passar de um nível para outro e as regras que regem essa transformação para se adequar às necessidades reais de comunicação do falante.

Pode-se considerar uma inovação da gramática gerativa a análise do padrão sintático da frase em forma de arborescência, ou representação arbórea, apresentando uma visualização, de uma só vez, dos sintagmas, seus desdobramentos em componentes hierárquicos por meio de módulos ou pontos de intersecção. Os gerativistas descrevem tudo o que constitui a competência linguística do falante, resultando na valorização da relação entre descrição e intuição dos falantes. Dessa forma, ocorre a integração entre a pesquisa linguística e a pesquisa sobre o funcionamento da mente humana. Na perspectiva gerativa, as línguas, de comportamento socialmente condicionado, passam a ser analisadas como uma faculdade mental natural, a chamada faculdade da linguagem.

### **3.2. Gramática universal**

A gramática universal é a habilidade linguística com a qual todos nascem. De acordo com Avran Noam Chomsky, toda criança nasce biologicamente equipada com uma gramática que contém todas as regras possíveis e vasto número de informações. De maneira pragmática, é dizer que a criança realiza operações mentais e transforma a gramática universal na gramática da língua a que está exposta, para se fazer entender no processo da comunicação.

A gramática universal, constituída de um conjunto de regras, permite à criança selecionar as que serão empregadas para que possa efetivamente adquirir a linguagem a que está submetida e excluir todas as

demais. Essa predisposição natural permite que uma criança normal desenvolva a linguagem durante os seus primeiros anos de vida, a partir da exposição à sua língua materna.

A gramática universal apresenta uma base biológica, ou seja, mecanismos inatos da mente da criança que permitem a aquisição da linguagem. Esses mecanismos constituiriam os princípios e parâmetros da Gramática Universal e estariam presentes na forma de estruturas mentais inatas, que foram chamadas de dispositivo de aquisição da linguagem (LAD). Esse dispositivo conteria os princípios universais inerentes a todas as línguas humanas e os parâmetros universais que permitem suas variações e, por isso, seria responsável por construir a competência linguística da criança a partir dos dados linguísticos do *input*. Assim, “A Gramática Universal é o estado inicial da faculdade da linguagem e a gramática do indivíduo adulto constitui o seu estado final, firme ou estável” (RAPOSO, 1992, p. 47).

Avran Noam Chomsky busca validar a teoria da gramática universal defendendo a ideia de que, ainda que a criança seja exposta a uma fala precária, sintática e semanticamente, ela será capaz de estabelecer relação com regras ou princípios básicos de uma gramática internalizada. É o mecanismo inato o responsável por despertar o aparecimento de um conhecimento linguístico prévio e sistematizado da língua materna.

### **3.3. Teoria dos princípios e parâmetros**

Na tentativa de descrever a natureza e o funcionamento da gramática universal, os gerativistas formularam uma hipótese chamada de princípios e parâmetros, que significou uma adequação dos conceitos da gramática universal face aos questionamentos surgidos a seu respeito, bem como diante das novas descobertas na área da aquisição da linguagem.

A teoria dos princípios e parâmetros postula a existência de um conjunto de princípios inatos, universais e invariantes presentes em todas as línguas naturais e contraria a aprendizagem de todas as regras de uma língua. A gramática universal, sob essa perspectiva teórica, é compreendida essencialmente como um conjunto de regularidades gramaticais universais (os princípios) e um conjunto limitado de variações linguísticas possíveis (os parâmetros).

De acordo com Eduardo Kenedy:

Para a teoria dos princípios e parâmetros, a gramática universal é o estágio inicial da aquisição de linguagem. Nesse estágio, a linguagem é formada por dois conjuntos de elementos. O primeiro deles são os princípios universais, comuns a todas as línguas. O segundo são os parâmetros particulares ainda não formatados pela experiência do indivíduo com a sua língua-E. Sendo assim, a teoria assume que a gramática universal possui ativos os princípios da linguagem desde o início da vida de um indivíduo, enquanto seus parâmetros precisam ser ativados o longo do tempo, de acordo com a língua do ambiente da criança. (KENEDY, 2013, p. 97)

Nessa teoria, a função da criança é analisar todas as partes do *input* e depois processá-lo para atribuir o valor que cada parâmetro deve possuir. Eduardo Paiva explica:

Quando todos os parâmetros estão ligados num desses valores, a criança já tem adquirido um sistema complexo de conexões entre os princípios universais rígidos e os parâmetros, o qual determina de um modo altamente específico as propriedades de cada língua particular. A aquisição é assim completamente identificada com o crescimento e a maturação da gramática universal, que passa de um estado apenas parcialmente especificado (com parâmetros por fixar) a um estado completamente especificado (com os parâmetros fixados), funcionando então como um sistema computacional. (RAPOSO, 1992, p. 55)

É dizer, portanto, que a criança nasce com uma programação prévia contendo princípios (universais) e um conjunto de parâmetros que serão fixados conforme as informações da língua com a qual o indivíduo tem contato.

#### **4. Considerações finais**

No decorrer deste estudo, buscou-se a problematização do processo de aquisição da linguagem por meio de discussões acerca de perspectivas empiristas e racionalistas. À luz do empirismo, foram exploradas as hipóteses behavioristas da aquisição da linguagem baseada no uso e no conexionismo. No que tange ao racionalismo, foram tratados o modelo gerativista, a gramática universal e a teoria dos princípios e parâmetros.

Durante o processo de levantamento teórico, procurou-se a explanação de aspectos divergentes e convergentes entre as teorias, bem como a sua impossibilidade de responder a determinadas perguntas que envolvem a aquisição da propriedade linguística.

Como resultado, observa-se que as teorias existentes não dão conta de atender a todas as demandas e à complexidade que o saber

linguístico apresenta. O fato é que a “máquina” humana apresenta “engrenagens” pouco conhecidas e, muito provavelmente, outras tantas para serem descobertas, reveladas. Em se tratando de um ser tão complexo como o homem, é natural que a ciência não apresente todas as respostas para habilidades espontâneas e automáticas como a aquisição da linguagem, fato que ressalta a importância de comparar, questionar e pensar as teorias existentes para estimular o surgimento de novas perspectivas, trazendo-as à luz do conhecimento.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, Evanildo. *Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2011.

BORBA, Francisco da Silva. (Org.). *Dicionário UNESP do português contemporâneo*. Curitiba: Piá, 2011.

CHIELE, Luciana Kerber. A compreensão em leitura sob a perspectiva do conexionismo. In: ROSSA, Adriana Angelim; ROSSA, Carlos Ricardo. (Org.) *Rumo à psicolinguística conexionista*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

CHOMSKY, Avran Noam. *Sintacty Structures* [Versão traduzida: *Estruturas Sintáticas*]. The Hague: Mouton Publishers, 1957.

GOLDBERG, Adele Eva. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GROLLA, Elaine; FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina. *Para conhecer aquisição da linguagem*. São Paulo: Contexto, 2014.

KEMMER, Suzanne; BARLOW, Michael. *Introduction: A usage-based conception of language*. Stanford: CSLI Publications, 1999.

KENEDY, Eduardo. *Curso básico de linguística gerativa*. São Paulo: Contexto, 2013.

LANGACKER, Ronald Wayne. *Foundations of cognitive grammar*. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LOPES, Edward. *Fundamentos da linguística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1995.

PINKER, Steven. *O instinto da linguagem: como a mente cria a lingua-*

gem. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

RAPOSO, Eduardo Paiva. *Teoria da gramática: a faculdade da linguagem*. Lisboa: Caminho, 1992.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

SKINNER, Burrhus Frederic. *Verbal behavior*. New York: Appleton-Century-Crofts, 1957.

\_\_\_\_\_. *O comportamento verbal*. Trad.: M. P. Villalobos. São Paulo: Cultrix-Edusp, 1978.

SMITH, Louis M. *Frederic Skinner*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Massangana, 2010.

TOMASELLO, Michael. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.